Esc Anna Nery 2025;29:e20250015

CC BY

ESPECIAL TEMÁTICO

www.scielo.br/EAN

Uma nova realidade se apresenta: o ensino remoto na experiência de docentes idosos[a]

A new reality emerges: the experience of elderly teachers with remote teaching

Una nueva realidad se presenta: la teleenseñanza en la experiencia de los profesores mayores

Bianca dos Anjos Cavalini Rocha[1]
Luiz Fernando Rangel Tura[2]
Márcia de Assunção Ferreira[1]

[1]Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

[2]Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Resumo

Objetivo: conhecer as experiências de docentes idosos no ensino remoto, em diferentes níveis de ensino, durante a pandemia da COVID-19. **Método:** pesquisa qualitativa com 15 docentes idosos atuantes em níveis diversos de ensino, no Rio de Janeiro, Brasil. As entrevistas em profundidade foram realizadas por videochamada, entre maio de 2022 e julho de 2023. Os dados psicossociodemográficos foram analisados por frequência absoluta e percentual, e as entrevistas submetidas à análise lexical com o software Alceste. **Resultados:** identificou-se uma sobrecarga de trabalho com consequências no bem-estar físico e emocional, afetando o sono, a alimentação, a saúde visual, além de provocar estresse e cansaço. O desenvolvimento de novas habilidades docentes foi essencial para a adaptação à nova realidade do espaço laboral trazida pelo ensino remoto. Evidenciaram-se os contrastes com a maior participação em eventos e no desvelamento de desigualdades sociais, objetivadas nas dificuldades de acesso e no manuseio dos recursos tecnológicos disponíveis. **Considerações finais e implicações para a prática:** os desafios foram enfrentados com apoio externo para o uso das plataformas e aprendizagens, com esforços dos docentes idosos para atender às demandas do ensino remoto. Mostra-se que os programas de educação permanente são necessários para inseri-los nos processos que exigem aparatos tecnológicos e plataformas virtuais.

Palavras-chave: Covid-19; Docentes; Ensino; Pessoas Idosas; Pandemias.

Abstract

Objective: to learn about the experiences of elderly teachers in remote teaching at different levels during the COVID-19 pandemic. **Method**: qualitative research with 15 elderly teachers from different levels of education in Rio de Janeiro, Brazil. An in-depth interview was conducted via video call with image and sound, from May 2022 to July 2023. Psycho-sociodemographic data were analyzed by absolute frequency and percentage, and lexical analysis was applied to the interviews using Alceste software. **Results**: work overload was identified, with consequences for physical and emotional well-being, affecting sleep, diet, and visual health, as well as causing stress and fatigue. The development of new teaching skills was crucial for adapting to the new reality of the workplace brought about by remote teaching. There were clear contrasts with greater participation in events and the unveiling of social inequalities, as evidenced by difficulties in accessing and handling the available technological resources. **Final considerations and implications for practice**: the challenges were met with external help in handling the platforms and learning, with efforts on the part of the elderly teachers to meet the demands of remote teaching. Continuing education programs are needed to introduce them to processes that require technological devices and virtual platforms.

Keywords: COVID-19; Teachers; Teaching; Elderly; Pandemics.

Resumen

Objetivo: Comprender las experiencias del profesorado de mayor edad en la docencia remota, en diferentes niveles educativos, durante la pandemia de COVID-19. **Método:** Investigación cualitativa con 15 docentes de mayor edad que trabajan en diversos niveles educativos en Río de Janeiro, Brasil. Se realizaron entrevistas en profundidad por videollamada entre mayo de 2022 y julio de 2023. Los datos psicosociodemográficos se analizaron mediante frecuencia absoluta y porcentual, y las entrevistas se sometieron a análisis léxico mediante el software Alceste. **Resultados:** Se identificó la sobrecarga laboral, con consecuencias para el bienestar físico y emocional, afectando el sueño, la nutrición y la salud visual, además de causar estrés y fatiga. El desarrollo de nuevas habilidades docentes fue esencial para la adaptación a la nueva realidad laboral derivada de la docencia remota. Se destacaron los contrastes con el aumento de la participación en eventos y la revelación de desigualdades sociales, reflejadas en las dificultades para acceder y utilizar los recursos tecnológicos disponibles. **Consideraciones finales e implicaciones para la práctica:** Estos desafíos se abordaron con apoyo externo para el uso de plataformas y el aprendizaje, y con los esfuerzos del profesorado de mayor edad para satisfacer las demandas de la docencia remota. Así se demuestra la necesidad de que los programas de educación continua los integren a los procesos que requieren dispositivos tecnológicos y plataformas virtuales.

Palabras clave: COVID-19; Docentes; Anciano; Enseñanza; Pandemias.

Autora correspondente:
Márcia de Assunção Ferreira.
E-mail: marcia.eean@gmail.com

Recebido em 07/03/2025.
Aprovado em 11/07/2025.

DOI:https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2025-0015pt

INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, as tecnologias se aprimoram a cada dia, seja para desenvolver ações céleres e facilitadoras, como as melhorias nos acessos à saúde, seja para facilitar e/ou viabilizar as atividades laborais, os estudos, entre outros. As transformações observadas nos avanços tecnológicos também ecoam no aumento da expectativa de vida da população, imprimindo novos modos de viver, de se relacionar e de se comunicar. A adaptação de pessoas idosas às novas tecnologias requer a aquisição de conhecimentos, cuja informação exerce papel expressivo na atualidade. Portanto, é necessário desencadear competências eficazes para torná-las participativas na sociedade, principalmente em ambientes virtuais.[1]

Esse avanço tecnológico é uma novidade para algumas pessoas idosas, e, para outras está longe de ser praticável, por crenças de que as modernidades não são feitas para esta população.[2] Por muito tempo os idosos não conviveram com muitos aparatos tecnológicos, e o não desenvolvimento de habilidades dificulta a interação com as interfaces tecnológicas. Ressalta-se, no entanto, que antes da pandemia da COVID-19, quase metade da população idosa utilizava a internet e dados de 2020 e 2021 indicavam maior expectativa de uso, sendo o telefone celular o mais acessível pela familiaridade entre as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs).[3]

Quando se pensa em tecnologia, é notório associar os jovens ao manuseio mais facilitado. No entanto, atualmente, além dos jovens, há também pessoas idosas que se permitem esse manuseio e desenvolver o domínio das tecnologias para se comunicarem, utilizarem *smartphones* e outros dispositivos para buscar informações e interagirem com as pessoas.[1] Cada vez mais, se observam pessoas idosas utilizando os meios tecnológicos de modo inteligente, em face de uma nova percepção da atual imagem da velhice, transformando-se em indivíduos ativos e participantes da sociedade.[4]

Um estudo de revisão indicou a necessidade de os idosos serem mais bem preparados para acessar e utilizar as TDICs.[2] Compreende-se que, para as pessoas idosas, as tecnologias de comunicação aplicadas no cotidiano atual são algo novo, e esta novidade emergiu de maneira decisiva na reconfiguração do trabalho docente na pandemia da COVID-19, com a implantação do ensino remoto emergencial, viabilizado por tecnologias eletrônicas/digitais.

A reorganização das instituições de ensino, sem a presença física de estudantes e professores, com manutenção da qualidade, só seria possível mediante a reconfiguração dos modos de ensinar e aprender, trabalhar, ministrar aulas, aplicar provas e avaliações, numa transição nada fácil que exigiu habilidades, conhecimentos e competências para o ensino on-line.[5]

Uma pesquisa realizada no Brasil e em Portugal, com 259 docentes com 60 anos ou mais, investigou o uso de tecnologias digitais no ensino durante o período da pandemia, e evidenciou que metade deles relatou dificuldades, sentimentos de incerteza e inseguranças no manejo de diferentes interfaces tecnológicas. Isso porque as suas formações profissionais os prepararam para o exercício da docência em ambientes presenciais.[6]

Outra pesquisa, realizada nas Filipinas a partir de notícias do *YouTube* sobre o trabalho de docentes idosos no ensino emergencial remoto, revelou que esses profissionais enfrentaram desafios técnicos, necessidade de suporte, problemas de saúde e resiliência, demonstrando atitudes de persistência para se adaptarem à nova realidade.[7]

De um modo geral, as pessoas idosas podem ter dificuldades na adaptação às tecnologias digitais. No caso dos docentes idosos, foi necessário desenvolver novos saberes, assimilar o uso dessas tecnologias, apreendê-las e enfrentar seus desafios, com resiliência e persistência, a fim de se adaptarem à nova realidade do ensino on-line.[7]

O modo de ensino on-line não surgiu com a pandemia da COVID-19, pois já existiam diferentes eventos e cursos viabilizados por ferramentas virtuais, nos formatos síncrono e/ou assíncrono, especialmente na modalidade de Ensino a Distância (EAD). O que ocorreu durante a pandemia foi a adoção do ensino remoto em caráter emergencial, seguindo as diretrizes do EAD com aulas ao vivo em tempo real, on-line.[8]

O ensino remoto, no contexto da COVID-19, surgiu com algumas peculiaridades em razão de estar articulado a uma emergência sanitária de saúde pública de proporção mundial (pandemia). Exigiu-se, de imediato, que as instituições se organizassem para dar continuidade aos cursos, sem que docentes e discentes estivessem suficientemente preparados, em termos de posse ou habilidades de manejo das TDICs, para viabilizar o ensino nessa modalidade. Em face disso, o objetivo deste artigo é conhecer as experiências de docentes idosos no ensino remoto em diferentes níveis de ensino durante a pandemia de COVID-19.

MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, em conformidade com as diretrizes do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ), no preparo do relatório da pesquisa.[9]

A abordagem qualitativa foi aplicada para elucidar o conhecimento, a experiência e a ação humana no contexto de um trabalho que se apresentou como uma novidade cotidiana, sendo uma boa via de escolha para estudar os fenômenos que reagem à rotina e buscam se renovar, valorizando a realização e a participação humana na produção de um conhecimento significativo não somente para as pessoas, como também para a sociedade.[10-12]

O acesso à população-alvo foi feito pelo método *snowball sampling* (Bola de neve), considerando a dificuldade de se propor uma amostragem probabilística inicial.[13] A "semente" foi uma professora idosa que leciona no Ensino Médio, indicada à pesquisadora principal por sua rede de relações sociopessoais. A captação de participantes que lecionam no Ensino Superior foi feita por outra "semente", indicada por uma pesquisadora

da equipe da pesquisa, inserida no campo de formação em Enfermagem, e a partir dela, conseguiram-se outros participantes.

O encerramento da coleta de dados ocorreu com a participação de 15 docentes de diferentes disciplinas, mediante o alcance do ponto de saturação.[14,15] Por tratar-se de um estudo exploratório, cujo intuito foi entender as nuances e as características gerais do fenômeno investigado, não houve seleção de uma área ou disciplina de ensino específica, e cuidou-se para que houvesse participantes de níveis de ensino diferenciados, de modo que fosse possível captar informações de diferentes contextos e experiências de ensino. Finalizou-se a captação de participantes com três professores de Ensino Médio, um do Ensino Fundamental e 11 de Ensino Superior. Não houve desistência de nenhum dos que aceitaram participar.

Os critérios de inclusão foram: professores idosos com idade igual ou maior que 60 anos,[16] que atuaram ou estavam em exercício docente na pandemia, por meio remoto, em sala de aula on-line. Os critérios de exclusão foram: aqueles que atuavam em modalidades de Ensino a Distância (EAD) ou híbrido antes de 2020; professores afastados do trabalho por motivos de adoecimento que os impediam de participar de entrevistas on-line. Não houve exclusões.

A pesquisadora principal realizou a coleta de dados entre maio de 2022 e julho de 2023, com entrevistas na modalidade on-line. O instrumento com perguntas estruturadas captou dados do perfil sociodemográfico, laboral e psicossocial, e sobre as tecnologias utilizadas e o seu preparo prévio para utilizá-las. O roteiro de perguntas semiestruturadas explorou a experiência em ministrar aula on-line, potenciais facilidades e dificuldades, as soluções encontradas, a inserção dos estudantes, as diferenças na forma de desenvolver o trabalho docente na pandemia, entre outras. As entrevistas foram gravadas com o registro de voz, com a duração média de 30 minutos. Todas foram transcritas e organizadas em arquivos eletrônicos no *software Microsoft Office Word*®.

Os dados captados pelas perguntas estruturadas foram tratados estatisticamente, aplicando-se a frequência absoluta e percentual. Os dados das perguntas semiestruturadas compuseram um arquivo com 15 Unidades de Contexto Iniciais (UCI), que correspondem ao total de participantes. Este arquivo foi processado no *software Alceste*® (versão 2012), cuja análise foi a lexical aplicada ao conjunto de segmentos do texto processado, articulada aos cálculos da coocorrência de palavras presentes em tais segmentos. Este procedimento identifica as classes de palavras em seus contextos discursivos, as oposições lexicais que auxiliam o pesquisador a identificar as diferentes ideias que circulam nos discursos e o conhecimento dos grupos.[17]

O agrupamento ocorre pelas raízes semânticas das palavras contidas nos textos e, a partir daí, o *software* gera figuras, chamadas de dendrogramas, que organizam as classes de palavras numa Classificação Hierárquica Descendente (CHD), com as palavras de maior associação estatística, que se expressa em um valor de *Phi*.

Na CHD, identificam-se as palavras acompanhadas da frequência de aparição na Classe Lexical medida pelo *Phi*. O conjunto de palavras mostra os sentidos veiculados na respectiva Classe Lexical, mas a apreensão dos significados que viabilizam a interpretação dos dados é feita quando se exploram as Unidades de Contexto Elementar (UCE), que são os fragmentos de discursos selecionados pelo *software* a partir dos léxicos e palavras processadas estatisticamente. A Classe Lexical 3 evidenciou as experiências de docentes idosos no ensino remoto, em atenção ao objetivo.

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) e ao Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (HESFA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foi aprovado em 18 de março de 2022. A pesquisadora principal apresentou a pesquisa aos convidados, e mediante o aceite de participação foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RESULTADOS

Participaram 13 (87%) mulheres e dois (13%) homens, com idade entre 60 e 78 anos. Sobre os níveis de ensino, três (20%) eram do Ensino Médio, um (7%) do Ensino Fundamental e 11 (73%) de Ensino Superior. Os dados majoritários foram: nove (60%) com Pós-graduação *Stricto Sensu*, nove (60%) trabalhavam em instituições públicas, 13 (87%) trabalhavam mais de oito horas por dia, e 11 (73%) atuavam no Ensino Superior.

O conteúdo da Classe Lexical 3 evidenciou os contrastes das oportunidades e desafios do ensino remoto. Em razão do perfil, as UCEs dessa Classe são majoritárias de participantes do Ensino Superior. A facilidade em participar de forma rápida e ágil de eventos que aconteceram em outros estados e até em outros países foi evidenciada e houve desafios dos estudantes para assistirem as aulas, devido ao precário acesso à *Internet* entre outras dificuldades, e até o trancamento de matrícula por necessitarem trabalhar para gerar renda para a família.

A Classe Lexical 3 possui 10% do total das UCEs que constituem o *corpus* de análise e foi composta de 88 formas reduzidas de palavras plenas. A análise dos léxicos associados à Classe 3 evidenciou a preocupação dos docentes sobre como o conhecimento/informação chega aos alunos, e o quanto a desigualdade social ficou presente nesse contexto. O ensino remoto e a participação com câmeras fechadas iniviabilizaram saber se realmente os alunos estavam atentos às aulas. Por outro lado, houve facilidades para acessar congressos, cursos, simpósios de forma on-line.

As UCEs da Classe 3 auxiliam na compreensão dos contextos em que os léxicos se inserem, considerando a relação entre essas palavras expressas por meio da CHD. O léxico de maior associação a esta Classe remete a “estudantes”, com Phi 0,36, como se pode constatar na Tabela 1.

O distanciamento social implicou na remodelação do trabalho, com deslocamento do espaço laboral para as residências, e contribuiu para ampliar as participações de docentes e discentes

Tabela 1. Palavras representativas da Classe 3, conforme o dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente, gerada pelo *Alceste*. Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 2023, (n=15).

Palavras	F	Phi
Estudantes	24	0,36
Fato	6	0,34
Interação	7	0,34
Internacional	6	0,31
Brasil	6	0,28
Relação	8	0,26
Sentido	7	0,24
Banca	4	0,24
Participar	14	0,24
Congresso	7	0,24
Comportamento	4	0,24
Programa	5	0,22
Acesso	15	0,20
Exemplo	9	0,20
Acompanhar	6	0,20
Dificuldade	14	0,20
Ótimo	3	0,20
Ve	4	0,19
Aos	4	0,19
Retornar	6	0,19
Pós-graduação	5	0,18
Gerar	4	0,17
Orientações	4	0,15
Consegue	8	0,15
Linguagem	4	0,15
Ponto	3	0,15
Prazeroso	3	0,15

Fonte: Relatório detalhado gerado pelo software Alceste® 2023.

em atividades acadêmicas e científicas realizadas em diferentes espaços geográficos.

> *Apresentações a gente vê mesmo, as bancas de mestrado, de doutorado, elas ainda estão acontecendo de forma remota. Então é isso, facilitou muito, os congressos, simpósios, que a gente consegue estar acessando o Brasil inteiro, de forma remota* (UCI 11, professora de nível superior).

> *Propicia um diálogo internacional ou um diálogo ao longo do país, então, nesse sentido, ele traz alguma contribuição* (UCI 8, professora de nível superior).

A qualidade da interação abrangeu tanto as relações quanto os recursos. A qualidade da internet gerou impactos nas condições de que os estudantes se conectassem e sustentassem a conexão. O uso de todos os recursos de forma concomitante, como câmeras e microfones, reverberou na qualidade da transmissão e recepção e influenciou na qualidade da interação.

> *A gente não conseguia apreender se de fato, o quanto que eles estavam participando e quantos estavam participando mais efetivamente. Eu dava aula e consegui desenvolver bem meu conteúdo, agora, a relação com os estudantes ficou totalmente comprometida, isso acaba limitando, não é o mesmo presencialmente, foi um agente complicador. Até por conta da internet, ficava a maioria de câmeras fechadas, microfone fechado, a gente perdeu a noção do quanto eles de fato, estavam participando, então aqueles que sempre foram participativos, acho que manteve essa participação. Em relação a acompanhar o quanto de fato eles estavam se desenvolvendo, a presença sem sombra de dúvida é o melhor e o mais prazeroso, é que me permite mais interação com os estudantes* (UCI 7, professora de nível superior).

A pandemia evidenciou ainda mais as desigualdades sociais no acesso à internet. Os docentes participantes destacaram tais desigualdades, identificadas na realidade dos estudantes e de seus familiares, com a escassez de recursos de informática e de acesso a uma boa conexão por meio de *Wi-Fi*, por exemplo. Tais desigualdades foram identificadas pelos docentes como um dos prejuízos desta modalidade de ensino, além da necessária adequação da linguagem e dos cuidados com a escrita.

> *Nos estudantes brasileiros é muito precária. Eu tive estudantes que eu acompanhei mais de perto, que eu faço tutoria, que tinha dificuldades, assim, com o pacote da internet, que moravam numa comunidade em que a internet, vamos dizer assim, vou usar uma palavra, clandestina. O mal do ensino remoto é que ele não é inclusivo, não assegura essa mesma igualdade para todos, que nem todos têm as mesmas unidades de acesso* (UCI 8, professora de nível superior).

> *Voltaram a trabalhar logo, como os enfermeiros, técnicos de informática, eles tiveram que trabalhar, trabalhavam com escala. Então, essa dificuldade para os pais foi muito grande em relação à mudança de comportamento, que os filhos deveriam ter com relação à ida a aula que seria aula remota* (UCI 9, professor de nível médio).

> *As mães perderam os seus empregos e aí eles tiveram que também lançar mão de estratégias para gerar renda, e por isso, muitos trancaram, para produzir renda para sobreviver* (UCI 7, professora de nível superior).

> *A gente teve um grande número no geral da universidade, um abandono geral no Brasil. Mas, especificamente no*

programa que eu dei aula, eu não vi. Na pós-graduação foi bem melhor (UCI 13, professora de nível superior).

Tem muitas dificuldades de escrever. Eu vi isso muito na escrita e no comportamento, tanto que, por exemplo, para fazer a teleconsulta, eu tive uma reunião com a turma toda, para explicar os procedimentos. Mas você vê defasagem. Conhecimento básico, conhecimento de comunicação. Essa questão comportamental. Quando era coordenadora do programa, eu introduzi conteúdo sobre letramento, porque é o uso da linguagem, principalmente na discussão dos cuidados, nas orientações é fundamental, principalmente com idosos. *Em princípio, você faz um trabalho remoto, não é tão fácil de adequar a linguagem, adequar material, tem uma série de questões. Eu realmente tive ajuda nesse sentido* (UCI 10, professora de nível superior).

O que os resultados das Classes 3 revelaram são contrastes em relação ao livre e amplo acesso à internet, à qualidade dos equipamentos de que as pessoas dispõem e ao domínio das ferramentas que atingiram fortemente os estudantes. Evidenciaram-se dificuldades de comportamento no novo espaço (virtual) e na comunicação escrita. Por outro lado, ressalta-se a satisfação de docentes pelo acesso a eventos, configurando-se em novas oportunidades de participação.

DISCUSSÃO

O Ministério da Educação (MEC) na Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, dispôs sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais no decorrer da pandemia. Foi preciso que docentes e estudantes de toda a rede de ensino aderissem à nova modalidade de aula, e foi necessário que as plataformas de ensino se aperfeiçoassem para atender à demanda emergente.

Muitas escolas e universidades públicas e privadas adotaram o ensino remoto para garantir a continuidade das atividades letivas. Os alunos acompanhavam as aulas regularmente por computador, *tablet* ou telefone celular (telemóvel) conectados à internet a partir de plataformas como: *Zoom, WhatsApp, Skype, Youtube, Google Meet* em cumprimento do calendário estabelecido.[18]

Os problemas que acometeram o ensino em plataformas virtuais foram diversos, pois a modalidade de ensino on-line difere do ensino off-line. Em ambos, as instituições dependem das plataformas de ensino e do serviço de rede, porém, caso ocorra uma pane na modalidade on-line, automaticamente as aulas são suspensas. Além disso, os professores estão habituados à forma tradicional de ensino em que há a proximidade física, e isso, por si só, já caracteriza uma importante diferença entre as salas de aula virtuais e as tradicionais.[19] Ficou evidente nos resultados a preferência pela aula em sala física, em especial em razão da interação direta entre professor-aluno.

Além disso, motivar os alunos para desenvolverem a atenção e o interesse necessários para a aprendizagem em um ambiente de sala de aula virtual foi uma tarefa laboriosa para os professores. O acompanhamento do processo de aprendizagem de cada aluno tornou-se fragilizado, pois não era possível aos professores observarem os alunos enquanto se relacionavam entre si e com o docente. Também poderia ocorrer de alguns alunos deixarem de assistir às aulas para realizarem outras atividades, como jogar, assistir a filmes e assim por diante,[19] conforme mostraram os resultados sobre a dificuldade em se verificar a efetiva participação por meio da presença. Logo, esse acompanhamento por parte dos docentes também precisou ser reconfigurado para se adequar ao ambiente virtual, em razão do ensino remoto.

A participação nas aulas remotas exige que os envolvidos (alunos e professores) tenham um aparelho tecnológico (telefone celular, *tablet* ou *notebook*) e acesso à internet. Alguns alunos não tinham conexão disponível em suas residências ou, quando havia a qualidade não era satisfatória. Em algumas famílias, os aparelhos tecnológicos eram de uso compartilhado entre os membros, o que dificultava o acesso individual. Outra questão diz respeito à necessidade de sustento ou complementação da renda familiar, o que levou muitos estudantes a ingressarem no mercado de trabalho. Tais situações resultaram em baixa adesão, participação reduzida nas aulas on-line e até mesmo no trancamento de matrículas.

Em uma revisão sistemática da literatura que buscou avaliar os desafios do ensino remoto na pandemia da COVID-19, evidenciou-se que alguns dos desafios importantes daquela fase foram a falta de condições e recursos, como computador, *tablet* ou telefone celular, internet com capacidade de suportar uma aula on-line, incluindo, também, as competências pessoais para manusear as novas tecnologias.[18]

No Brasil, 84% dos domicílios - cerca de 64 milhões de residências - estão conectadas à rede de internet, cujos avanços têm sido observados principalmente entre as pessoas da classe C; no entanto, o acesso ainda é desigual e restringe o desenvolvimento de competências digitais, bem como o aproveitamento dos benefícios que a internet oferece.[20]

Estes dados evidenciam a desigualdade de acesso à rede mundial de computadores, e em consonância com uma pesquisa documental realizada em 2020,[21] corroboram a reflexão sobre a exclusão que o ensino remoto pode produzir. Os autores também destacam os prejuízos causados à qualidade da educação pública e ao aumento da desigualdade educacional. Conforme os resultados da pesquisa documental sugerem-se como medidas para minimizar a exclusão: a capacitação dos professores para o manuseio das tecnologias de informação e comunicação, o fornecimento de equipamentos aos estudantes que não têm condições de adquiri-los e a oferta de pacotes de internet aos estudantes em situação de vulnerabilidade.[21]

Uma pesquisa realizada no Chile mostrou que as lições oriundas do ensino remoto aplicado na pandemia abrangeram questões instrumentais, como a ampliação de tecnologias digitais para atender aos conteúdos e à interação, e inovações nas avaliações, sendo uma das contribuições, o desenvolvimento de uma disposição empática dos docentes para a compreensão

de situações enfrentadas pelos alunos.[22] Esta pesquisa do Chile não foi com docentes idosos, mas seus resultados trataram de experiências docentes que se assemelhavam às aqui apresentadas com docentes idosos.

Mesmo diante das dificuldades com a modalidade remota, os aparatos tecnológicos contribuíram para que os docentes ampliassem as oportunidades de participação em eventos no Brasil e no exterior. Essa modalidade de ensino mostrou-se uma alternativa favorável na pandemia, com as tecnologias sendo revertidas a favor de quem as usou e, ao saberem como utilizá-las, possibilitaram que o conhecimento alcançasse muitos estudantes.[23] Os professores vivenciaram novas realidades e oportunidades de interação proporcionadas por essa experiência inusitada.

O ensino remoto viabilizou o uso de plataformas disponíveis e abertas para outros fins, e não somente voltadas para a educação, assim como inseriu ferramentas auxiliares e introduziu práticas inovadoras. Portanto, sabe-se que o ensino remoto tem suas potencialidades e desafios e, com estes, estão inseridas pessoas, tecnologias, *expertise* e infraestrutura.[24]

Desse modo, os letramentos digitais são necessários para que os recursos tecnológicos sejam bem utilizados a favor da educação em todos os níveis. O conceito deve ser compreendido no plural, pois cada plataforma, aplicativo e rede impõe formas diferenciadas de comunicação, leitura e escrita. O processo ensino-aprendizagem viabilizado por recursos digitais exige o desenvolvimento de novas mentalidades e atitudes, pensamentos e ações inovadoras que abrangem técnicas, éticas e práticas, a compreensão de novas linguagens e a formação de novos tipos de leitores.[25]

Os problemas enfrentados pelos docentes idosos se assemelham aos vivenciados, de forma geral, pelos docentes da educação básica da rede pública de ensino. Diante da pandemia da COVID-19, houve uma migração abrupta do ensino presencial para o virtual, sem suporte técnico ou planejamento prévio para que essa nova modalidade fosse implementada. A precariedade de acesso dos alunos ao ambiente virtual, somada à sobrecarga de trabalho e à necessidade de desenvolver novas habilidades docentes, ficou evidente nessa nova realidade do espaço laboral de ensino-aprendizagem.[26] Quanto à sobrecarga de trabalho, observaram-se consequências no adoecimento físico e emocional, com impactos significativos no sono, na alimentação, na saúde visual, no estresse e no cansaço.[27]

A mudança brusca de modalidade de prática laboral, aliada ao manuseio de novos equipamentos e o domínio de aparatos antes pouco ou não utilizados por docentes idosos surgiu como uma novidade a ser significada e que requer adaptação e novas aprendizagens,[1] de modo que os docentes precisaram passar por processos de transformação de saberes daquilo que antes lhe era familiar - no espaço laboral da sala de aula física e da relação face a face com o estudante - para aprenderem a lidar com um espaço não familiar, que exige novas aprendizagens e significações, para que exerçam suas práticas incorporadas nesse novo cotidiano.

Para que ocorra adaptação às novas demandas, há que se ampliar os conhecimentos sobre as novidades incorporadas. No caso do ensino mediado por ambientes virtuais, isto não é diferente, principalmente quando os responsáveis pelo ensino são pessoas idosas ainda não tão familiarizadas com tantos avanços tecnológicos, que se configuram para elas em seus cotidianos como novidades a serem exploradas.[2]

O ensino remoto na pandemia da COVID-9 emergiu como um campo fértil de formação de novos saberes para os docentes idosos, pois identifica-se o empreendimento que tais docentes fizeram na (re)construção do real, para guiá-los nas suas interpretações e organizações de uma nova realidade que se apresentou no campo do seu trabalho.[28,29] Esse esforço interpretativo tem função prática e ajuda as pessoas e os grupos sociais a orientarem as suas decisões, justificando suas tomadas de posição frente ao objeto/fenômeno que está sendo interpretado.[11]

Os resultados reforçam afirmações presentes em outras pesquisas, como as indicadas em um estudo de revisão, o qual, entre outras propostas, afirmou que a resistência de professores às novas tecnologias deve ser enfrentada pelas instituições com capacitação.[30] E, no caso dessa revisão, não havia especificidades relativas a docentes idosos, mas ressalta-se que a resistência pode estar atrelada, também, ao fato de docentes pertencerem a uma geração que não cresceu imersa em uma cultura digital, e este fato pode intimidar ou criar desconfortos para que eles lidem com as novas tecnologias digitais no ensino.[30]

Observa-se que os resultados da pesquisa com os docentes idosos reiteram a existência de desigualdades sociais da população, o que se evidenciou fortemente no campo da educação, quando da oferta do ensino remoto.[31] Mostram, ainda, que, apesar de as pessoas idosas participantes desta pesquisa terem formação superior e atuarem como docentes, também necessitavam de atualizações e de competências em relação às TDICs.

Nesse ínterim, traz-se uma pesquisa de abordagem fenomenológica que explorou as atitudes de professores idosos sobre a integração de inovações tecnológicas no ensino. Observa-se que, apesar de o objetivo desta pesquisa estar centrado na categoria de professores idosos, os participantes da pesquisa tinham entre 45 e 48 anos, o que, à luz da classificação adotada neste artigo, os enquadra como adultos, podendo ser considerados, nesta discussão, como professores experientes. Mesmo assim, os resultados foram interessantes, pois houve resistência cognitiva, comportamental e afetiva à mudança, tais como: medo de se tornarem obsoletos, de serem demitidos, nostalgia em relação aos tempos passados, dificuldades para assimilar novos métodos e elevado consumo de tempo e energia. Destaca-se, ainda, que a incorporação de novas tecnologias no ensino foi percebida como uma obrigação, e não como uma vontade individual. Para enfrentar os desafios, informaram que precisaram de apoio, principalmente das instituições de ensino, para que a incorporação das inovações fosse percebida como uma medida positiva.[32]

No bojo deste debate, à luz dos estudos que serviram de referência, identificam-se que as dificuldades inerentes ao ensino

remoto não parecem ser exclusivas dos docentes idosos, mas podem ser potencializadas por essa condição, considerando-se tantas outras questões que a pessoa já enfrenta do mundo social e do trabalho, em razão da idade acima de 60 anos.

O que se identifica como sugestão em comum é que as instituições de ensino devem promover estratégias que atendam às necessidades dos docentes, e a inclusão digital não deve ser oferecida apenas em atividades de extensão para a população externa, mas também, no âmbito dos próprios docentes trabalhadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E IMPLICAÇÕES PARA A PRÁTICA

As dificuldades dos docentes idosos se assemelham às de outros idosos (não docentes), e às de docentes não idosos, isso mostra uma problemática comum a este grupo populacional e profissional. A adequação à nova realidade de ensino foi urgente, e os desafios foram enfrentados com o auxílio externo para o manuseio das plataformas e a promoção das aprendizagens, com esforços empreendidos pelos docentes idosos para atender às demandas do ensino remoto. As faces contrastantes do ensino remoto se evidenciaram na ampliação das oportunidades de participação em eventos, e no desvelamento de desigualdades sociais, expressas nas dificuldades de acesso e manuseio dos recursos tecnológicos disponíveis.

Ressalta-se o quanto os docentes idosos se empenharam para atender às demandas que se apresentaram, e isso mostrou que este grupo populacional tem muito potencial de contribuição para o trabalho produtivo, com capacidade de adaptação e de novos aprendizados, na contramão de estereótipos que os colocam, por vezes, à margem das novas exigências contemporâneas.

Evidencia-se a necessidade de promover a educação permanente do corpo docente, mormente daqueles que pertencem à faixa etária idosa, que ainda estão ativos no processo de trabalho, e que precisam se atualizar para o manejo das novas tecnologias de ensino-aprendizagem, a fim de que possam, mediante novos aprendizados, inserir-se de forma mais efetiva e confiante nos processos que exigem aparatos tecnológicos e plataformas virtuais.

A pandemia da COVID-19 e suas consequências na reconfiguração do trabalho docente evidenciaram o quanto é urgente a implantação de políticas nesse sentido, em razão dos esforços empreendidos pelos docentes idosos para atender às demandas de seu ofício, o que tende a aumentar em razão do envelhecimento da população mundial.

À luz dos resultados apresentados, do debate e das reflexões fomentados, observa-se que se vislumbraram, também, contribuições para o alcance dos objetivos do desenvolvimento sustentável, no que se refere à promoção de uma educação de qualidade, à saúde e ao bem-estar, e ao trabalho decente e ao desenvolvimento econômico.

Como limitações, identifica-se que o método não contemplou uma amostragem qualitativa por variáveis de níveis de ensino e de gênero. Tais variáveis contribuiriam para uma análise aprofundada de aproximações e distanciamentos das experiências de docentes do Ensino Fundamental, Médio e Superior, bem como a variável gênero possibilitaria destacar as questões específicas de mulheres e de homens em relação ao trabalho remoto no contexto da pandemia. Isso indica potenciais ampliações para pesquisa futuras.

AGRADECIMENTOS

Sem agradecimentos.

FINANCIAMENTO

Sem financiamento.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no artigo.

CONFLITO DE INTERESSE

Sem conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

1. Carneiro BLF, Farias MGG. Idosos e tecnologias digitais: um estudo sob a ótica da competência em informação. In: Farias GB, Farias MGG, editores. Competência e mediação da informação: percepções dialógicas entre ambientes abertos e científicos [Internet]. 1. ed. São Paulo: Abecin; 2019. p. 114-28 [citado 2025 jun 5]. Disponível em: https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/218/193
2. Alvim KCBL, Rocha FS, Chariglione IPFS. O idoso e o uso da tecnologia: uma revisão sistemática da literatura. Rev Kairós. 2017;20(4):295-313.
3. Gama-Vieira OA, Medeiros AGAP, Santana SM. Reflexões sobre a adaptação tecnológica para intervenções on-line com idosos. Rev Bras Ter Cogn. 2022;18(1):78-85. http://doi.org/10.5935/1808-5687.20220009.
4. Santos AAS, Santos AIPS, Lourenço NLR, Souza MO, Teixeira VPG. A importância do uso de tecnologias no desenvolvimento cognitivo dos idosos. GEP News [Internet]. 2018; [citado 2025 jun 5];1(1):20-4. Disponível em: https://www.seer.ufal.br/index.php/gepnews/article/view/4677
5. Winter E, Costello A, O'Brien M, Hickey G. Teachers' use of technology and the impact of COVID-19. Ir Educ Stud. 2021;40(2):235-46. http://doi.org/10.1080/03323315.2021.1916559.
6. Silva MA, Cunha ACM, Alves TP. Tecnologias digitais em tempos de pandemia: desafios do trabalho remoto para professores de mais idade do Brasil e de Portugal. Em Teia. 2020;11(2):1-21. http://doi.org/10.36397/emteia.v11i2.248287.
7. Samifanni F, Gumanit RLR. Survival with technology: elderly teachers' perspective towards emergency online learning during the COVID-19 pandemic in the Philippines. SiLeT. 2021;2(3):98-114. http://doi.org/10.46627/silet.v2i3.87.
8. Barbosa AM, Viegas MAS, Batista RLNFF. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. Rev Augustus. 2020;25(51):255-80. http://doi.org/10.15202/1981896.2020v25n51p255.
9. Souza VR, Marziale MH, Silva GT, Nascimento PL. Translation and validation into Brazilian Portuguese and assessment of the COREQ checklist. Acta Paul Enferm. 2021;34:eAPE02631. http://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO02631.

10. Moscovici S. A psicanálise, sua imagem e seu público. Tradução de Sonia Fuhrmann. Petrópolis: Vozes; 2012.
11. Jodelet D. Ciências sociais e representações: estudos dos fenômenos representativos e processos sociais, do local ao global. Soc Estado. 2018;33(2):423-42. http://doi.org/10.1590/s0102-699220183302007.
12. Egry EY. The place of qualitative in nursing research. Acta Paul Enferm. 2020;33:e-EDT20200002. http://doi.org/10.37689/acta-ape/2020EDT0002.
13. Kirchherr J, Charles K. Enhancing the sample diversity of snowball samples: Recommendations from a research project on anti-dam movements in Southeast Asia. PLoS One. 2018;13(8):e0201710. http://doi.org/10.1371/journal.pone.0201710. PMid:30133457.
14. Minayo MCS. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. Rev Pesq Qual [Internet]. 2017; [citado 2025 jun 5];5(7):1-12. Disponível em: https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82
15. Saunders B, Sim J, Kingstone T, Baker S, Waterfield J, Bartlam B et al. Saturation in qualitative research: exploring its conceptualization and operationalization. Qual Quant. 2018;52(4):1893-907. http://doi.org/10.1007/s11135-017-0574-8. PMid:29937585.
16. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (BR). Nota Informativa nº 5/2023: envelhecimento e o direito ao cuidado [Internet]. Brasília: Secretaria Nacional da Política e Cuidados e Família; 2023 [citado 2025 jun 5]. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/mds-lanca-diagnostico-sobre-envelhecimento-e-direito-ao-cuidado/Nota_Informativa_N_5.pdf
17. Lima LC. A articulação "Themata-Fundos Tópicos": por uma análise pragmática da linguagem. Psicol Teor Pesqui. 2008;24(2):243-6. http://doi.org/10.1590/S0102-37722008000200015.
18. Sunde RM, Julio AO, Nhaguaga MAF. O ensino remoto em tempos da pandemia da Covid-19: desafios e perspectivas. EPEduc. 2020;3(3):1-11.
19. Xiao C, Li Y. Analysis on the influence of the epidemic on the education in China. 2020 International Conference on Big Data and Informatization Education (ICBDIE); 2020; Zhangjiajie, China. New York: IEEE; 2020. p. 143-7. http://doi.org/10.1109/ICBDIE50010.2020.00040.
20. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2022 [Internet]. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil; 2023 [citado 2025 jun 5]. Disponível em: https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20230825143720/tic_domicilios_2022_livro_eletronico.pdf
21. Cunha LFF, Silva AS, Silva AP. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. Com Censo [Internet]. 2020; [citado 2025 jun 5];7(3):27-37. Disponível em: http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924
22. González C, Ponce D, Fernández V. Teachers' experiences of teaching online during COVID-19: implications for postpandemic professional development. Educ Technol Res Dev. 2023;71(1):55-78. http://doi.org/10.1007/s11423-023-10200-9. PMid:36785811.
23. Lima MC, Azevedo SD, Nascimento ALR. Currículo e práticas docentes durante a pandemia de 2020. Rev Itin Reflec. 2020;16(1):1-20. http://doi.org/10.5216/rir.v16i1.65753.
24. Garcia TCM, Moraes IRD, Zaros LG, Rêgo MCFG. Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas [Internet]. Natal: SEDIS/UFRN; 2020. (Caderno de Ensino Mediado por TIC) [citado 2025 jun 5]. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29767
25. Bernardes ECO, Guerra Jr AL. Letramentos digitais e ensino: propostas didáticas para a formação do leitor na contemporaneidade. Cad Ens Ling Tecno [Internet]. 2022; [citado 2025 jun 5];3(6):141-56. Disponível em: https://revistascientificas.ifrj.edu.br/index.php/celte/article/view/2163
26. Oliveira DA, Pereira Jr EA. Trabalho docente em tempos de pandemia: mais um retrato da desigualdade educacional brasileira. Revista Retratos da Escola. 2020;14(30):719-35. http://doi.org/10.22420/rde.v14i30.1212.
27. Araújo ARL, Sousa LMC, Carvalho RBS, Oliveira ADS, Amorim FCM, Sousa KHJF et al. O trabalho remoto de enfermeiros docentes em tempos de pandemia. Esc Anna Nery. 2021;25(spe):e20210198. http://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2021-0198.
28. Moscovici S. Representações sociais: investigações em psicologia social. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes; 2015.
29. Félix LB, Andrade DA, Ribeiro FS, Correia CCG, Santos MFS. O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. Psicol Saber Soc. 2017;5(2):198-217. http://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2016.20417.
30. Matos CC, Coutinho DJG. Desafios educacionais: a resistência do professor às novas tecnologias e a necessidade de capacitação. REASE. 2024;10(5):1069-79. http://doi.org/10.51891/rease.v10i5.13181.
31. Gonçalvez FE, Almeida FCG, Almeida HJF, Lobo MMS. Educação e ensino remoto em tempos de pandemia: desafios e perspectivas. Re-Vista. 2023;30:e021. http://doi.org/10.14393/ER-v30a2023-21.
32. Tariq B, Dilawar M, Muhammad Y. Innovative teaching and technology integration: exploring elderly teachers' attitudes. Int J Distance Educ E-Learn. 2019;V(I):1-16.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Desenho do estudo. Bianca dos Anjos Cavalini Rocha. Luiz Fernando Rangel Tura. Márcia de Assunção Ferreira.

Aquisição de dados. Bianca dos Anjos Cavalini Rocha.

Análise de dados e interpretação dos resultados. Bianca dos Anjos Cavalini Rocha. Luiz Fernando Rangel Tura. Márcia de Assunção Ferreira.

Redação e revisão crítica do manuscrito. Bianca dos Anjos Cavalini Rocha. Luiz Fernando Rangel Tura. Márcia de Assunção Ferreira.

Aprovação da versão final do artigo. Bianca dos Anjos Cavalini Rocha. Luiz Fernando Rangel Tura. Márcia de Assunção Ferreira.

Responsabilidade por todos os aspectos do conteúdo e a integridade do artigo publicado. Bianca dos Anjos Cavalini Rocha. Luiz Fernando Rangel Tura. Márcia de Assunção Ferreira.

EDITORA ASSOCIADA

Cristina Lavareda Baixinho

EDITOR CIENTÍFICO

Marcelle Miranda da Silva

[a]Extraído da dissertação: "Trabalho remoto no contexto da COVID-19: representações de docentes idosos sobre a reconfiguração do ensino viabilizado por tecnologias eletrônicas/digitais", apresentado ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2024.